

Orientações para produção do Memorial/ Relatório Analítico

O objetivo do texto que segue é explicitar sugestões à escrita do Memorial/ Relatório analítico, apêndice à qualificação para Mestrado ou Doutorado em Jornalismo da UEPG. Trata-se de prática realizada desde 2004 no curso de graduação em Jornalismo e assumida na Pós-Graduação em Jornalismo desde 2016. A partir de então, registra-se a experiência de fazer um texto reflexivo, assumidamente autoral, sobre a produção da pesquisa.

Trata-se de uma reflexão a respeito do processo de pesquisa, envolvendo aspectos do trabalho desenvolvido, seja destacando situações, tensionando conceitos da área (jornalística), relações com acontecimentos cotidianos e os respectivos desdobramentos na vida social. Por consequência, é oportuno compreender o documento não como um diário ou descrição pessoal do que se fez durante o curso, seja em disciplinas, projeto de que participou, pautas executadas, dentre outras situações. A intenção é oferecer aspectos do percurso (de pesquisa ou produção jornalística) que contribuem para refletir sobre as descobertas e contribuições da dissertação/tese.

O relatório analítico tampouco equivale às conclusões (considerações finais) do trabalho ou um capítulo conceitual, pois tais tópicos estão resolvidos nos respectivos espaços destinados. O espaço/momento do relatório possibilita trazer ao debate reflexões que, em geral, não cabem em outros tópicos do trabalho.

Alguns exemplos: experiências que a/o discente vivenciou na execução da pesquisa e marcam situações com potencial reflexivo, crítico e/ou autocrítico, que contribuem na formação humana, profissional e cidadã da autoria. Entre o planejamento, o desenvolvimento e fechamento de um estudo existem situações imprevistas e percalços que surgem no caminho, que ajudam a refazer cálculos do percurso, reavaliar táticas ou mesmo rever rotas inicialmente previstas no plano de trabalho. São tais momentos que podem ser explorados como tópicos ou ganchos reflexivos ao relatório.

E como um relatório analítico interage com experiências vivenciadas no curso de Pós-Graduação de forma reflexiva? Aqui reside uma diferença entre diário-relatório e relatório analítico como reflexão intelectual: tem sentido trazer uma situação da trajetória acadêmica no Curso de Mestrado ou de Doutorado como relação ao texto do relatório analítico quando dialoga com algum aspecto da pesquisa realizada.

Trata-se da observação como ‘método’ na percepção (jornalística) de situações da realidade social. É daí a necessidade de compreender e, se possível, quando pertinente, trazer ao relatório analítico experiências que atravessam ou dialogam com a execução da pesquisa que remetem à observação, sensibilidade com temas de interesse público e recorte de pautas jornalísticas.

E por que pensar a respeito da experiência da pesquisa de mestrado e doutorado? Um dos desafios é possibilitar que o/a estudante assuma a própria condição autoral (e intelectual), elaborando um texto com estrutura jornalística – embora, não na lógica informativa, mas ensaística – dialogando com situações que marcaram as atividades durante a pesquisa, estabelecendo relações (críticas e conceituais).

E o que se espera que o/a Estudante desenvolva com a produção de uma análise do processo de produção da pesquisa em forma de relatório? O exercício de uma avaliação em torno e a partir da experiência da pesquisa caracteriza uma atividade intelectual, que exige do acadêmico a seleção de aspectos com relevância que saem do óbvio e previsível (relato de quais disciplinas cursou, projetos participantes). Ademais, o memorial deve fazer referência às produções realizadas no âmbito do PPG (artigos em eventos e publicações) relacionadas à investigação em curso.

Para finalizar, o relatório com ênfase na análise da experiência investigativa propiciada pela pesquisa é um momento de exercício intelectual, que pode envolver relações com desdobramentos na formação humana e cidadã.

Em memória de um pesquisador da área (Dênis de Moraes, 2014), vale uma referência biográfica ao escritor italiano Antonio Gramsci (1891-1937), que compreendia o fazer jornalístico como trabalho intelectual. “Gramsci fez do jornalismo o principal meio para o exercício da crítica, associada por ele aos espíritos rebeldes que rejeitam a alienação e o conformismo e que guiavam-se pelo compromisso com a liberdade e a humanização da vida”, destaca o professor Moraes.

Texto aprovado pelo Colegiado do PPGJor em 23 de março de 2026